

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Luciana de Oliveira Cabreira

**VISIBILIDADE LÉSBICA NOS DICIONÁRIOS: UM PERCURSO PELA
HISTÓRIA DA PALAVRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO**

Santa Maria, RS
2022

Luciana de Oliveira Cabreira

**VISIBILIDADE LÉSBICA NOS DICIONÁRIOS: UM PERCURSO PELA HISTÓRIA
DA PALAVRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharela em Língua Portuguesa**.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todas as mulheres lésbicas. Para que nossas vozes não sejam caladas.
Jamais seremos um erro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Iara Rodrigues de Oliveira, minha mãe, melhor amiga, e a maior inspiração que tenho em minha vida. Por todo o apoio, todo amor, toda compreensão, afeto, carinho e respeito: meu muito obrigada. Eu não seria nada sem você.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Verli Fátima Petri da Silveira, por ter aceitado fazer parte deste momento tão importante em minha trajetória acadêmica. Sua orientação e compreensão foram muito importantes para mim.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria, por ter proporcionado a mim uma excelente graduação, bem como muitas oportunidades.

Agradeço ao Sebo Camobi, pelo empréstimo dos dicionários utilizados neste trabalho.

Agradeço à Fabiana Campos Pimentel, por dar-me a oportunidade de sentir o amor ao seu lado, em sua companhia. Sou muitíssimo grata pelo apoio, pela amizade, pelas confidências e pela motivação. Obrigada por me mostrar que há sempre uma luz no fim do túnel e por não soltar minha mão.

Agradeço à uma das poetisas mais talentosas que já conheci, por ter me acolhido no primeiro ano do curso e me proporcionado uma linda amizade. Estarás sempre em minha memória. E não menos importante, agradeço à Sara, pela amizade sincera e por me fazer sentir que não estou sozinha.

Agradeço ao meu melhor amigo de quatro patas, por ter salvo minha vida. Por todos os momentos de leitura em que estive ao meu lado, e por todos os momentos em que confortou a mim com seu amor. Muito obrigada.

Por fim, agradeço a mim. Por ter aguentado firme.

“Se eu não tivesse me definido para mim mesma, teria sido esmagada pelas fantasias que outras pessoas fazem de mim e teria sido comida viva.”

(Audre Lorde)

RESUMO

VISIBILIDADE LÉSBICA NOS DICIONÁRIOS: UM PERCURSO PELA HISTÓRIA DA PALAVRA E SEUS EFEITOS DE SENTIDO

AUTORA: Luciana de Oliveira Cabreira
ORIENTADORA: Verli Fátima Petri da Silveira

O presente trabalho de conclusão de curso propõe um percurso pela história da palavra lésbica e seus efeitos de sentido em dicionários ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, com o objetivo de investigar de que forma são traçados os significados que compõem a palavra e também as outras palavras acionadas por ela. Percorremos também pelos caminhos que vão sendo trilhados na contemporaneidade, com a finalidade de observar quais os sentidos propostos pelos dicionários que se mantêm e quais foram atualizados. Buscamos tornar visível a palavra que representa a homossexualidade feminina, bem como subsidiar futuros estudos acerca da temática lésbica. Os resultados de nossa pesquisa indicam que, embora a nossa palavra de análise tenha passado a comparecer nos dicionários a partir do século XXI, a ela continua sendo atribuído o sentido da falta, resultado de uma forma de pensamento imposta pelo patriarcado e que permanece até os dias de hoje na sociedade.

Palavras-chave: lésbica; dicionários; visibilidade

ABSTRACT

This course conclusion work proposes a journey through the history of the lesbian word and its meaning effects in dictionaries throughout the 19th, 20th and 21st centuries, with the aim of investigating how the meanings that make up the word are traced and also the other words triggered by it. We also traveled through the paths that are being followed in the contemporary world, in order to observe which meanings proposed by the dictionaries are maintained and which have been updated. We seek to make visible the word that represents female homosexuality, as well as subsidize future studies on the lesbian theme. The results of our research indicate that, although our word of analysis has started to appear in dictionaries from the 21st century onwards, it continues to be attributed the sense of lack, the result of a way of thinking imposed by the patriarchy and which remains until the present time today in society.

Keywords: lesbian; dictionaries; visibility

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA DAS PALAVRAS, ANÁLISE DE DISCURSO E DICIONÁRIOS	9
3 <i>HOMOSSEXUALIDADE FEMININA</i>	12
4 A PALAVRA LÉSBICA NOS DICIONÁRIOS E PARA ALÉM DELES	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
7 DICIONÁRIOS CONSULTADOS	27
8 ANEXOS	27

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, desenvolvida como requisito parcial para aprovação no curso de Bacharelado em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Santa Maria, possui como tema principal um estudo acerca da história da palavra *lésbica* em diferentes dicionários dos séculos XIX, XX e XXI e também para além deles, utilizando-se, para isso, de matéria publicada em mídias digitais escrita e disponibilizadas na web no ano de 2019.

Tomamos como ponto de partida o fato social de que mulheres lésbicas, inseridas em um mundo extremamente lesbofóbico, vêm sofrendo diariamente com o receio, a aversão - e tantas outras palavras que poderiam ser aqui utilizadas - presentes no discurso de inúmeras pessoas ao empregarem a palavra *lésbica*. Esta é uma palavra que, a partir do século XIX, passou a apresentar uma direção de sentido dominante: mulher cuja sexualidade se define por relacionar-se única e exclusivamente com outra mulher, de forma sexual e afetiva.

Ao entender que a palavra/tema central desta pesquisa possui uma história e que, ao longo do tempo, passou por modificações em sua definição, tomamos como objetivo apresentar de quais formas a mulher lésbica está representada nos verbetes presentes em diferentes dicionários, bem como palavras correlatas (lesbianidade, por exemplo), palavras associadas e sinônimos que comparecem nos dicionários e podem ser acionadas na história e na produção de sentidos da atualidade.

A partir do levantamento de tais verbetes, será possível lançar o olhar sobre os funcionamentos de tais palavras em publicações disponíveis em mídias digitais escritas em nossa contemporaneidade, observando a manutenção e a alteração de sentidos através do tempo. Nos perguntamos: como a história funciona na produção dos sentidos sobre uma palavra? O que se mantém e o que é reformulado? Como se realizam os movimentos de paráfrase e de polissemia sobre a palavra em séculos de dicionarização? Como se realiza seu funcionamento na atualidade?

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE HISTÓRIA DAS PALAVRAS, ANÁLISE DE DISCURSO E DICIONÁRIOS

Antes de partir para a análise da palavra de nosso interesse, é preciso definir a importância do estudo da história das palavras para compreender de que forma se deu sua existência e por quais caminhos passou antes que pudéssemos ter hoje seu significado em

funcionamento. Tomar conhecimento dessa história nos permite ampliar as possibilidades de estudo, dado que propicia a descoberta das palavras em uso pelos sujeitos que se servem delas para manifestar suas vozes (PETRI, 2019). Andaremos, nesta pesquisa, lado a lado com conceitos proporcionados pela História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 1992), pela História de Palavras (PETRI, 2018), pela Análise de Discurso (ORLANDI, 1999) e a Análise do discurso digital (DIAS, 2018).

Entende-se que a Análise de Discurso considera o dicionário como um objeto discursivo (NUNES, 1996). Isso significa dizer que o dicionário não é apenas um instrumento linguístico (AUROUX, 1992) que prolonga as competências dos seres humanos no desenvolvimento da linguagem, podendo ser tomado em suas relações com a exterioridade que lhe é constitutiva. Todo e qualquer dicionário é produzido num dado espaço e num tempo histórico específico, levando em consideração as condições de produção, o que faz dele também um “objeto histórico” (PETRI, 2021).

As palavras passam a compor os dicionários em decorrência de seu uso por tempo prolongado nas práticas sociais e languageiras de uma dada comunidade linguística, definidas pensando-se nos sujeitos e a conjuntura na qual se encontram. Por conta disso, podemos dizer que os dicionários caracterizam-se como um discurso sobre as palavras, elaborados para pessoas em determinados contextos sociais e históricos (NUNES, 2010).

Para o presente estudo escolhemos os seguintes dicionários para compor nosso corpus: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1899); *Caldas Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (AULETE, 1964); *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (TERSARIOL, 1972); *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Formar* (PONTES et al, 1973); *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* (FERREIRA, 2009) e o *Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa* (RIOS, 2010).

Conforme Nunes (2010, p.7), quando estudamos os dicionários através de uma perspectiva discursiva, devemos considerar o chamado "sujeito lexicógrafo". Este, possui uma relação singular com as palavras, pois as elege e elabora um discurso sobre elas. Escolhemos para a pesquisa, dicionários que levam a assinatura de um homem, por eles serem a maioria neste mercado editorial, mas sempre levando em conta que há uma equipe de homens e mulheres trabalhando na elaboração de cada instrumento linguístico, muito embora os nomes nem sempre apareçam.

Buscaremos então, através de tais dicionários, tomar conhecimento da posição-sujeito daqueles que os produziram e das condições nas quais o verbete *lésbica* foi elaborado, fazendo uma leitura comparativa de suas definições. Para que essa comparação seja possível,

percorreremos as entradas dos dicionários nas quais o verbete está inscrito e, por consequência, seremos direcionados às palavras acionadas por ele. Na análise de nossa palavra, seremos conduzidas a outras no interior do mesmo dicionário, que funcionam para complementar o seu sentido por meio do efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018). Dessa maneira, transitaremos por palavras relacionadas, assimilando suas definições, que através da ligação que assumem nos aproximam cada vez mais de sua história.

Petri (2018, p. 51) leva-nos a pensar nas tantas vezes em que olhamos para a gramática ou para o processo pelo qual as palavras foram formadas e acabamos, muitas vezes, esquecendo de investigar sua história, seu funcionamento na língua, no decorrer do tempo. O caminho de análise escolhido, relaciona-se ao interesse sobre a história da palavra que possibilita aos sujeitos consulentes um maior conhecimento sobre o papel das mulheres que se posicionam na sociedade afirmando sua sexualidade e, também, diz respeito ao esforço em tornar visíveis as tentativas de apagamento da homossexualidade feminina, como se ela não existisse e não tivesse o direito de ser inscrita na memória.

Quando, por parte de um sujeito, há um posicionamento, há, por consequência, seu estabelecimento na sociedade em que vive, pois é por meio da linguagem que os seres humanos determinam sua existência. De acordo com Orlandi (2005, p. 15), é à Análise de Discurso que se pode recorrer para entender de que forma a língua faz sentido enquanto meio pelo qual os sujeitos constituem sua história. Tendo isso em mente, acreditamos que mulheres lésbicas deveriam ter o direito de inscrição na sociedade, para que sejam reconhecidas nela enquanto tais. Para que a palavra *lésbica* se torne cada vez mais visível, é preciso que seja posta em funcionamento no mundo, que compareça em dicionários e em outros espaços institucionais (como nos documentos oficiais, nas políticas públicas para saúde da mulher, etc.), que seja falada sem tabu e que dê significado à existência dessas mulheres.

Salientamos que, ao fazer determinada interpretação, estamos nos mobilizando a entender o sentido de algo com a ajuda de elementos que constituem um texto, e também do contexto imediato que ele aciona. Ao compreender, é preciso ir muito além, pois ativamos a necessidade de saber como funcionam as interpretações e de qual maneira elas produzem sentidos. Nosso olhar está, então, na superfície dos textos, nos modos de dizer, e neles buscamos os sentidos que os constituem (ORLANDI, 2005).

Perguntamo-nos, com base nestas reflexões, como funciona o “não dizer” determinadas palavras? Quando um sujeito lança suas palavras ao mundo, ele coloca em relação o linguístico e a sua exterioridade, produzindo discurso que é entendido como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p.21). Pensando nisso, no quão as palavras abrem espaço para

diversas leituras, por mais que não se tenha consciência absoluta por parte dos sujeitos produtores de discurso no momento em que são reproduzidas, objetivamos ir além de uma interpretação de como lésbicas são representadas na atualidade. Queremos, especificamente, compreender como são invisibilizadas com a não utilização da palavra ou ainda com os sentidos atribuídos e não atribuídos a ela.

É, portanto, com esta sustentação na Análise de Discurso, que teremos a concepção de nosso dispositivo analítico, o questionamento norteador que viabilizará o caminho até possíveis interpretações sobre as palavras que andam sendo utilizadas na contemporaneidade para substituir a palavra que aqui analisamos. Se *lésbica* é a forma definida pela história para referenciar no mundo a mulher que se relaciona somente com outra mulher, por qual motivo convive-se diariamente com a tentativa que certos sujeitos têm em não utilizá-la? Quem é, em vista disso, favorecido com essa falta/ausência no dizer? Quais seriam os sentidos que saturam, ocupam o espaço produzido pelo que não é dito?

Explicitamos que, de certa forma, todo discurso é responsável por silenciar outro (ORLANDI, 2007), e por meio da análise de dizeres que não incluem nosso verbete, seja nas produções digitais ou nos dicionários, iremos buscar compreender essas lacunas através das pistas fornecidas pelos sentidos provocados por elas.

3 HOMOSSEXUALIDADE FEMININA

É necessário, inicialmente, reconhecer as maneiras pelas quais as mulheres homossexuais são invisibilizadas através dos tempos. Para isso, recorreremos à reflexão de como se constitui o modelo de relacionamento socialmente esperado e aceito. Posteriormente, iremos traçar um caminho pelos registros existentes sobre a homossexualidade.

Antes mesmo de nascer, a sociedade já lança aos futuros sujeitos determinadas expectativas, enchem-se de esperanças e depositam neles certas responsabilidades. Após dar à luz, retiram da mãe o seu bebê e observam-lhe o órgão sexual. A partir da constatação, apontam a criança como sendo do sexo masculino ou feminino. Em seguida, ao tomar conhecimento do sexo, o corpo social prontifica-se a almejar condutas específicas destes seres humanos; esperam, portanto, que existam para sempre da maneira que lhes foi definida ao nascer. Estes comportamentos são os papéis sociais, e apresentam-se de formas distintas.

Aos meninos, preenchem sua infância de múltiplas possibilidades. Lhes vestem de azul, ou qualquer outra cor determinada como masculina, os presenteiam com carrinhos, aviões, bolas e diversos outros brinquedos que simbolizam um amplo conjunto de perspectivas para

quem se tornarão no futuro. Já às meninas, ofertam-lhe bonecas, pequenos objetos que imitam utensílios domésticos e lhes ensinam a serem dóceis e bem comportadas. As moldam para que sua visão fique limitada, as conduzem a pensar que a única possibilidade existente é a de ficar em casa cuidando do lar, para que excluam a ideia de que poderiam sim ser livres tal como os homens.

Quanto ao entendimento da criança sobre si própria, podemos dizer que,

Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo (BEAUVOIR, 2016, p. 11)

Ou seja, ainda de acordo com as palavras da intelectual existencialista Simone de Beauvoir (2016, p. 11), não é possível que um sujeito se perceba como um *outro* sem o intermédio alheio. Nota-se com base nesta afirmação, que quem decreta a oposição entre os dois sexos é a sociedade. Instaurando os papéis sociais mencionados, colocam o sexo masculino como sinônimo de superioridade, liberdade; e o feminino, como passividade e submissão, interditando-se o contrário. Esperam também que, no futuro, estes opostos completem um ao outro, formem família e sigam comportando-se minuciosamente como lhes foi previamente calculado.

Depreende-se, a partir destas constatações, que na vida adulta, uma sociedade ocidental tradicional espera que o papel da mulher enquanto sujeito passivo, seja o de submeter-se ao homem, acima de tudo, servindo como objeto sexual com o objetivo de lhes proporcionar prazer. Ressalta-se que, desde a Grécia antiga, o prazer era destinado apenas aos cidadãos, que eram, exclusivamente, homens. Somente eles tinham poder e direito à educação sexual, ficando encarregados de ensinar os mais novos sobre todas as coisas. Eles tinham permissão também para relacionarem-se sexualmente entre eles, porém a penetração era proibida, pois indicava passividade e, por consequência, uma posição de inferioridade, que cabia apenas às mulheres e aos escravos (FILHO, TOLEDO, 2011).

Nota-se que a penetração, seja ela no ânus, vagina ou boca, caracterizava-se como uma relação de poder e superioridade, também relacionada à posse e à violência. Apesar de os homens poderem relacionar-se mutuamente e sentir prazer com isso, a penetração lhes era desautorizada, pois como eram socialmente lidos seres superiores, não poderiam sujeitar-se a

isso. ¹As mulheres, que não eram sequer consideradas cidadãs, eram, portanto, os alvos desta violência (FILHO; TOLEDO, 2011, p. 43).

Embora se saiba do consentimento sobre a relação homossexual masculina, existem poucas informações a respeito da feminina. Encontram-se menções aos poemas de Safo, célebre poetisa grega da ilha de Lesbos, que escrevia em sua poesia palavras de amor e apreciação sobre as mulheres de sua convivência. Há também relatos sobre a fabricação de objetos sexuais, como pênis artificiais ou consolos, e que os mesmos eram utilizados por mulheres solitárias e mulheres homossexuais, chamadas pelos gregos de tríbades (FILHO; TOLEDO, 2011).

A prática sexual passou a ser vista, principalmente pela igreja, como pecado. Consideravam que o prazer sexual assinalava o afastamento da espiritualidade e de Deus, e as relações sexuais, por conta disso, deveriam ter como finalidade unicamente a procriação com o objetivo de perpetuar a espécie. Toda relação carnal (sexo anal, sexo oral e masturbação) que não se destinasse a isso, era julgada e condenada.

Para os homens, eram atos condenados pois envolviam o desperdício de sêmen, mas para a mulher, como não havia esse desperdício, a prática não era extremamente proibida, mas muito julgada, pois a energia deveria ser preservada somente para a geração de uma nova vida. Para os médicos e outros profissionais, o sexo não deveria estar presente nos interesses dos cidadãos, pois isso os prejudicaria na intelectualidade e na política; mas esta preocupação não era muito destinada às mulheres, já que eles escreviam e dedicavam-se majoritariamente aos homens que possuíam a intenção de ter herdeiros (FILHO; TOLEDO, 2011).

A prática sexual que envolvia penetração e visava o prazer, foi chamada pela igreja de sodomia e, seus praticantes, foram designados sodomitas (FILHO; TOLEDO, 2011). A sodomia entre mulheres era vista como uma inversão da ordem natural, não sendo considerada um ato sexual legítimo, já que não havia o "derramamento de sêmen". Percebe-se que, assim sendo, as relações entre elas já eram invisibilizadas e não possuíam sequer um nome que as designasse de maneira digna.

Com o passar dos anos, este apagamento continuou acentuando-se. No século XII, com o reaparecimento das cidades e o início de epidemias, a igreja passou a considerar que estas tragédias eram fruto de um condenamento divino por conta da sodomia. Julgavam pecado

¹ O presente trabalho de conclusão de curso é direcionado para a história da palavra lésbica e das mulheres que se utilizam da palavra para afirmarem sua sexualidade. Portanto, não há espaço para problematizar a questão do ponto de vista da homossexualidade masculina. Esta, é complexa e abre espaço para futuras análises.

gravíssimo o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo e as punições eram severas, isto quando se tratava de dois homens.

O que incomodava a todos, quando se trata das mulheres, era o fato de considerarem que elas poderiam estar assumindo a posição dos homens nas relações sexuais, fazendo o uso de objetos que remetiam ao falo. Não se incomodavam exatamente com a ideia de serem duas mulheres, não acreditavam que pudessem sentir prazer e afeto uma pela outra. A sexualidade das mulheres era, em vista disso, ignorada (FILHO; TOLEDO, 2011).

Conforme acentua Oliveira (2015), A sociedade era - e continua sendo - bastante misógina. Não se via o relacionamento entre duas mulheres com a mesma gravidade que o relacionamento entre dois homens, ou qualquer outro crime/pecado cometido por eles. Não se falava sobre estas mulheres, não se estudava sobre elas, e isso era um dos motivos de tanto desinteresse, inclusive por parte da igreja. Negavam o fato de que elas se relacionavam pois sentiam desejo e amor uma pela outra. Para eles, isso era inconcebível. Acreditavam que o ato sexual acontecia apenas para preservar a virgindade ou por conta da infelicidade em seus casamentos, como se as mulheres fossem procurar nas outras o que lhes faltava em seus relacionamentos com homens.

No século XIX, a homossexualidade feminina e a masculina deixaram de ser crime e continuaram sendo vistas como pecado; mas, sobretudo, passaram a ser consideradas uma doença e denominaram-na *homossexualismo*. Neste século, a igreja deixou de influenciar institucionalmente a sociedade brasileira, pois o país passou a ser uma nação independente e, mais tarde, republicana. As vozes com maior influência eram a da medicina e a do direito, que ecoavam cada vez mais e impunham às mulheres normas de como deveriam agir na sociedade (OLIVEIRA, 2015).

Os médicos enxergavam a homossexualidade como uma doença mental, pois acreditavam que pessoas homossexuais se desviavam do que era considerado normal por todos: as relações heterossexuais. Considerando-as desviadas e loucas, submetiam-nas, portanto, a vários tratamentos, como a hidroterapia, a eletricidade e a sugestão hipnótica. Sobre a homossexualidade feminina, os médicos também acreditavam que era advinda de transtornos mentais ocasionados por problemas genitais, lesões ou até a menstruação, período no qual acreditavam que as mulheres ficavam instáveis e descontroladas (OLIVEIRA, 2015).

Com o passar do tempo, a lesbianidade passou a ser mais discutida e problematizada, pois estava em muitos debates e manifestações políticas/culturais. Apesar disso, foi só na década de 1990 que o sufixo *ismo* – que demarcava a significação de doença - foi retirado da palavra homossexualidade pela Organização Mundial da Saúde.

As especificidades das pessoas homossexuais, portanto, passaram a ser observadas. A sociedade enxergava as lésbicas como a versão feminina da homossexualidade masculina e se recusava a enxergar que as violências sofridas por elas diferem exponencialmente da dos homens, que são vítimas de crueldades devido ao fato de não agirem de acordo com o ideal de virilidade que a sociedade lhes impõe. Homossexuais femininas, além de não corresponderem às expectativas sociais, excluindo os homens de suas vidas sexuais/afetivas, sofrem com as consequências de serem do sexo feminino. Como nos diz a teórica e feminista chilena Margarita Pisano (2004), mulheres lésbicas, por conta dos limites impostos pelo patriarcado, são negadas duas vezes: por serem mulheres e por serem lésbicas. Veremos a seguir de que forma esta imposição comparece ou não pela presença/ausência da palavra lésbica nos dicionários estudados.

4 A PALAVRA LÉSBICA NOS DICIONÁRIOS E PARA ALÉM DELES

O primeiro dicionário analisado foi o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1899), do século XIX. Observamos que ele não contém a acepção da palavra lésbica, apenas os verbetes Lesbíaco; Lesbianismo; Lésbiano e Lésbio. Dentre eles, o que aponta a sexualidade é *lesbianismo*, já os outros, referem-se à Ilha de Lesbos. Lesbianismo é definido como “um dos vícios sensuaes contra a naturêza; aberração do instinto sexual” (FIGUEIREDO, 1899), o que nos faz recorrer ao significado das palavras “vício” e “aberração” no interior do mesmo dicionário, já que são as mais evidentes na formulação do sentido de nossa palavra de estudo.

Ao colocar em funcionamento o efeito metodológico “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018) fomos conferir a definição da palavra vício no *Novo Dicionário*, que é: “grande defeito ou imperfeição; tendência habitual para certo mal; hábito de proceder mal; costume censurável ou condenável; libertinagem [...]” (FIGUEIREDO, 1899). Vemos, inicialmente, que o verbete representa algo que foge da imagem daquilo que é considerado perfeito, afinal, define-se que deve ser repreendido por não se comportar como o esperado. Cabe, então, explicitar a acepção de “perfeição” no mesmo dicionário. Para o autor, o substantivo é uma “execução completa [...]” (FIGUEIREDO, 1899), levando-nos a interpretar que, a partir deste sentido, tratando-se de um vício, o lesbianismo seria o contrário da completude, marcando em sua prática a falta, a imperfeição. Vemos que “vício” e “perfeição” nos conduz à palavra “imperfeição”, significada como “qualidade daquêlle ou daquillo que é imperfeito; falta de perfeição; mancha; pequeno

defeito [...] (FIGUEIREDO, 1899). Logo, encontramos novamente a presença da falha, de algo que se afasta da normalidade e, por isso, não deveria existir.

Conforme Figueiredo (1899), “aberração” significa “acto ou efeito de aberrar; difusão dos raios luminosos que atravessam corpos diáphanos; desarranjo na situação ou exercício dos órgãos do corpo [...]”. Além de abarcar um conceito de física, indica também qualquer coisa que se desvia do que é bom ou verdadeiro, e assinala, através do último sentido apresentado que, como o lesbianismo é definido como uma aberração, esta sexualidade existiria devido a um mal funcionamento dos órgãos sexuais humanos, já que o desempenho correto deveria conduzir à heterossexualidade –ao instinto sexual pelo sexo oposto-, considerada normal pelo corpo social. À medida que analisamos no *Novo Dicionário* os verbetes acionados a partir do efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018), entendemos o sentido da palavra lesbianismo assinalado sempre pelo erro, pela falta de algo que deveria estar presente para assim torná-lo perfeito e incondenável.

O segundo dicionário analisado foi o *Caldas Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (AULETE, 1964), do século XX. Nele, também não há a acepção da palavra lésbica, somente os verbetes Lésbia; Lesbíaco; Lesbianismo; Lesbiana; Lesbiano; Lésbico e Lésbio. Trataremos das palavras lesbianismo e lésbio, pois são, respectivamente, substantivo e adjetivo que definem explicitamente no texto o sentido da homossexualidade feminina.

Lesbianismo significa “s.m. (patol.) aberração do instinto sexual que consiste no homossexualismo entre mulheres; amor lésbio; safismo; tribadismo [...]” (AULETE, 1964, p. 2361). Se vê, a princípio, o substantivo enquadrado como uma patologia. No ano em que foi escrito, a homossexualidade era considerada uma doença, recebendo, inclusive, o sufixo *ismo* na formação da palavra.

Durante o século XX, este sufixo era comumente utilizado no discurso médico ao definir o nome de doenças; a palavra homossexualismo foi incluída pela OMS na classificação de doenças internacionais (CID) e era usada pela sociedade para denominar a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo e distingui-las de pessoas heterossexuais, já que, quem a utilizava, não possuía o costume de falar “heterossexualismo”. A diferença fazia parte, portanto, do sentido da palavra homossexualismo, pois ela é atravessada por um período da história onde as pessoas homossexuais não possuíam os mesmos direitos que as heterossexuais (MOURA, 2018).

No interior do mesmo dicionário, analisamos também as palavras mais evidentes acionadas por lesbianismo: aberração e amor. Além de conter informações na área da física, o verbete aberração significa “ação ou efeito de aberrar” e, no sentido figurado, “desvio do

espírito” (AULETE, 1964). Buscamos, em seguida, o significado de aberrar: “[...] Desviar-se das verdadeiras doutrinas: não aberraram das suas crenças.”

Após analisar estas palavras, percebemos uma contradição de discursos no momento em que partimos em busca da palavra amor. Até agora, neste dicionário, a palavra lesbianismo fora associada a sentidos bastante negativos, exceto quando nos deparamos com o significado de “amor lésbio”. Lésbio “diz-se do amor de mulher para mulher” (AULETE, 1964, p. 2362) e, para o autor, a acepção de amor é, em sua maioria, relacionada a coisas boas, em grande parte associada a Deus: “afeição profunda: E que fêz o amor forte? Leva hoje Cristo da terra ao céu”; “[...] Por amor de alguém, pela afeição ou consideração que se lhe dedica [...]”; “[...] Ternura, carinho, brandura: Tratar alguém com amor. Cuidado, zelo [...].” (AULETE, 1964, p. 230). Nesse caminho, percebe-se que os sentidos da palavra já estavam sendo modificados, entrando assim, a palavra amor, o que torna possível a inserção de um princípio de contradição nas relações de sentidos com o que vinha sendo propagado através dos tempos no espaço dicionarístico.

Interpretamos através da análise dos verbetes o discurso presente de que, em um relacionamento lésbico, o amor de uma mulher por outra se afastaria do amor ideal associado a Deus, por afastar-se também do conceito de família definido pelos seus seguidores onde o amor verdadeiro seria aquele provindo de relacionamentos heterossexuais, capazes de gerar uma nova vida sem recorrer ao pecado. Concluimos que, neste período histórico, lésbicas continuavam sendo julgadas aberrações, com falsos relacionamentos, vivendo distantes dos preceitos da doutrina patriarcal, muito embora já esteja sendo plantada a semente da diferença, da pluralidade de sentidos possíveis

O terceiro dicionário analisado é o *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado* (TERSARIOL, 1972). Nele, não encontramos a palavra lésbica, e sim o verbele lesbianismo, definido como “aberração do instinto sexual; um dos vícios sensuais contra a natureza” (TERSARIOL, 1972). As palavras acionadas mais evidentes são “aberração” e “vício”, portanto, pesquisamos, no interior deste dicionário, como se dá a acepção destes verbetes. Aberração é definida como “erro, engano, desvio, excentricidade, extravagância, monstrosidade, deformação física ou moral [...]” (TERSARIOL, 1972).

De acordo com a acepção de lesbianismo encontrada, juntamente com a palavra aberração acionada por ela, interpretamos que a prática homossexual feminina na época era vista como um erro, em comparação ao que era considerado certo: a heterossexualidade. Lésbicas, nesse sentido, não tinham suas relações validadas, afinal, as consideravam como um

engano e até mesmo atingidas por uma deformação moral, pois seus afetos eram impróprios frente as regras estabelecidas pela sociedade. Seguindo nesta linha de análise que demarca impropriedade pelo corpo social, buscamos a acepção de vício, no mesmo dicionário: “Defeito que torna uma pessoa, um objeto impróprios para aquilo a que se destinavam; hábito de proceder mal; costume condenável ou censurável [...]” (TERSARIOL, 1972).

Dentro desta acepção, encontramos a palavra “destinavam”, que até então não havia sido mencionada. Esta, por sua vez, provém do verbo “destinar”, que nos encaminha para o substantivo “destino”. Logo, consideramos necessário observar sua significação: “sorte, fadário [...]” (TERSARIOL, 1972). Contendo o vício em sua significação, o sentido de lesbianismo nos leva novamente ao defeito. Mulheres lésbicas, nesse sentido, eram definidas também como pessoas desviadas de algo que deveriam ser, de seu destino, ou seja, do que lhes foi determinado desde o momento em que nasceram e, por não incluírem os homens em seus afetos romântico e sexual, eram ainda, na época, desaprovadas e criticadas.

O quarto dicionário analisado é o *Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Formar* (PONTES et al, 1973). Nele, ainda não encontramos a acepção de lésbica, somente os verbetes Lesbíaco; Lesbiana; Lesbianismo e Lésbico. Escolhemos para investigação, o substantivo “Lesbianismo” e o adjetivo “Lesbiano”. O primeiro, é apresentado como “aberração de instinto sexual que consiste no amor de uma mulher a outra [...]” (PONTES et al, 1973). E o segundo, “Dissoluto, devasso. (Med.) O amor de uma mulher por outra.” (PONTES et al, 1973). Os verbetes escolhidos acionam as palavras “aberração” “devasso” e “amor”, que serão igualmente analisadas pois são as mais evidentes em seus sentidos.

Aberração, no interior do mesmo dicionário, significa “ato de aberrar [...]” (PONTES et al, 1973), e aberrar é “desviar-se de princípios verdadeiros. Errar, falhar [...]” (PONTES et al, 1973). Nota-se que, ainda neste período histórico, lésbica continuava sendo composta pelo sentido do erro e pela presença da “escolha” da sexualidade, vista como um princípio falho aos olhos da sociedade. Cabe ressaltar, no momento, que a sexualidade não é definida por uma escolha. Conforme crescem, os sujeitos entram em contato com o mundo exterior, com outras pessoas, e desta forma descobrem como funcionam seus desejos e afetos. É visível que, para a norma estabelecida, a feminilidade é imposta às mulheres desde o nascimento, englobando nela a imposição da heterossexualidade e fazendo com que os afetos possíveis entre as mulheres fiquem invisibilizados (PISANO, 1997). Rompendo com essa imposição e permitindo amarem-se e viverem sua sexualidade, as lésbicas acabaram sendo definidas como desviantes dos verdadeiros princípios.

No interior do mesmo dicionário, a acepção de devasso apresenta-se como “que vive em devassidão [...]”, “desonesto [...]” (autor, 1973). Já amor, é definida como “[...] afeto, afeição, simpatia, paixão, ardor [...]”. Mais uma vez, lésbica carrega em seu sentido o contrário da honestidade, e faz funcionar a ideia de que mulheres lésbicas não agem conforme as normas socialmente esperadas e respeitadas; mas, ao mesmo tempo, carrega também sentimentos belos despertados pelo amor. Interpretamos, enfim, que é possível que o amor entre duas mulheres tivesse sido enxergado na época como um sentimento ruim, um amor contraditório, oposto ao amor que a sociedade considerava correto e digno de ser praticado.

O quinto dicionário analisado por nós é o *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2009). Encontramos nele, diferentemente dos demais dicionários mencionados no texto, a palavra lésbica. Além dela, há a acepção das palavras “Lésbia”, “Lesbiana”, “Lesbianismo”, “Lesbiano”, “Lésbico” e “Lésbio”. Selecionamos para fins de análise, os verbetes lesbianismo e lésbica. Lesbianismo é definido como “homossexualismo entre mulheres, safismo” (FERREIRA, 2009). Nota-se na composição do verbete, a presença do sufixo “ismo”, ainda que ele já tivesse sido retirado da palavra na década de 1990 (MOURA, 2018, p. 3), indicando o fato de que a população, no ano em que o dicionário foi escrito, ainda resistia em utilizar cotidianamente o termo correto, não indicador de patologia: a homossexualidade.

Fomos em busca também de uma palavra acionada, no interior do mesmo dicionário. Safismo diz-se do “amor entre mulheres; amor lésbico” (FERREIRA, 2009). Tornase interessante observar que agora o amor presente no sentido da lesbianidade não está relacionado a palavras negativas, e é puramente “afeição profunda. 2. O objeto dessa afeição. 3. Conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual [...]” ou “[...] Inclinação sexual forte por outra pessoa. 9. A pessoa amada. [...]” (FERREIRA, 2009). Interpretamos que o arranjo dos sentidos caminhou por uma considerável mudança com o passar dos anos, pois lésbica deixou de ser significada como uma ameaça à moral ou como uma falta, e sim passou a dar nome a uma relação verdadeira, onde ambas as partes podem ter a sua sexualidade e seu amor validados.

Prosseguindo a análise, temos a acepção de lésbica, significada como “mulher homossexual, popularmente chamada sapatão” (FERREIRA, 2009). À primeira vista, temos o significado que indica a sexualidade de mulheres que se relacionam somente com outras mulheres, mas há também a presença da palavra sapatão, significada no mesmo dicionário, como uma forma chula de se referir às lésbicas (FERREIRA, 2009). Chulo quer dizer “grosseiro, rude, obsceno [...]” (FERREIRA, 2009), indicando o fato de que, por mais que

lésbica tenha sido modificado para designar mulheres homossexuais com dignidade, a sociedade ainda não se libertou de seus preconceitos, insistindo em atribuir a seus relacionamentos o conceito de uma fuga aos bons costumes.

O sexto e último dicionário analisado é o *Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa* (RIOS, 2010). Nele, há a aceção da palavra lésbica e dos verbetes “lésbia”, “lesbíaco”, “lesbiana”, “lesbianismo”, “lesbiano”, “lésbico” e “lésbio”. Vamos explorar a significação das palavras lésbica e lesbianismo. Lésbica é definida como “mulher homossexual” (RIOS, 2010) e lesbianismo como “homossexualismo feminino; safismo [...]”. Lésbica, neste momento, não carrega em sua definição um sentido negativo, portanto, pesquisamos no interior do dicionário o verbete “homossexualismo”, devido ao fato de ainda possuir o sufixo “ismo”, que já deveria ter caído em desuso.

Homossexualismo é a “prática do comportamento homossexual” (RIOS, 2010) e, no ato de procura da palavra, encontramos também o significado de homossexualidade, estabelecido como “caráter de homossexual; homossexualismo; inversão.” (RIOS, 2010). Primeiramente, fizemos a seguinte interpretação: no verbete lesbianismo, “homossexualismo” é utilizado para anteceder a palavra “feminino”. Buscamos, no mesmo dicionário, como o sufixo “ismo” está inscrito, e deparamo-nos com “[...] Us., geralmente, em tom jocoso, ou depreciativo.” (RIOS, 2010). Logo, é possível perceber que a homossexualidade feminina continua sendo significada como uma existência ofensiva, e nos perguntamos o porquê de o autor não ter utilizado o substantivo feminino “homossexualidade”.

Homossexualidade, de acordo com o autor, significa “caráter de homossexual; homossexualismo, inversão.” (RIOS, 2010). Por significar praticamente a mesma coisa que homossexualismo, pode-se dizer que foram colocadas como palavras sinônimas, mas em homossexualidade encontramos “invertido” uma nova palavra dentro desta análise. Invertido, no dicionário, significa “inverso.2. Homossexual[...]” (RIOS, 2010). Ou seja, se lésbica é uma mulher homossexual, e homossexualismo/homossexualidade trazem em si o sentido da inversão, pode-se interpretar a ideia de que seguem compondo a palavra lésbica de forma a continuar incluindo em seu sentido uma alteração de ordem, do estado que é considerado correto pela sociedade: a heterossexualidade.

Ao todo, foram analisadas as palavras “lesbianismo”, “lésbio”, “lesbiano” e “lésbica”, ao longo dos dicionários dos séculos XIX, XX e XXI. Foi apenas a partir do século XXI, no *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, do ano de 2009, que estes verbetes deixaram de ser associados às palavras “aberração” e “vício”, o que indica um avanço no tocante aos direitos das mulheres lésbicas. No entanto, ainda que dissociada do sentido da anormalidade e

da tendência ao mal, a palavra lésbica permanece estagnada ao sentido da inversão. Se os dicionários compõem suas palavras de maneira a incluir os significados de uso corrente pela sociedade, interpretamos que a sociedade segue enxergando as lésbicas como um desvio da sexualidade que é esperada das mulheres desde o momento em que nascem.

Feita a análise dos seis dicionários, publicados em diferentes séculos, sentimos a necessidade de averiguar quais sentidos atribuem a palavra lésbica na contemporaneidade e, da mesma forma, como isso impacta na vida de mulheres lésbicas. A Jornalista Marcela Donini, em uma matéria escrita ao jornal online Gaúcha ZH, intitulada [O que as lésbicas não aguentam mais ouvir - e por que elas se ofendem](#), entrevistou mulheres lésbicas e as questionou sobre quais frases estão fartas de ouvir e o motivo de não as suportarem mais. As frases são as seguintes: “só não pode querer virar homem”; “é falta de homem”; “quem é o homem da relação?”; “você não pode ser mãe”; “nem parece lésbica”; “também quero participar”.

Ao ler estas palavras, percebemos que a sociedade ainda exclui a possibilidade da existência de duas mulheres se amando, pois para eles, normais são os relacionamentos entre um homem e uma mulher. Por conta disso, insistem em fazer funcionar estas falas, que reproduzem a falsa informação de que uma fêmea humana adulta seria incapaz de sentir desejo e amor por outra. É importante compreender que lésbicas não querem ser homens, pois são completas, e elas e a seus relacionamentos não lhes falta nada.



Fonte: [Sophia Andreazza](#).

Ao ler estas palavras, percebemos que a sociedade ainda exclui a possibilidade da existência de duas mulheres se amando, pois para eles, normais são os relacionamentos entre

um homem e uma mulher. Por conta disso, insistem em fazer funcionar estas falas, que reproduzem a falsa informação de que uma fêmea humana adulta seria incapaz de sentir desejo e amor por outra. É importante compreender que lésbicas não querem ser homens, pois são completas, e elas e a seus relacionamentos não lhes falta nada.

Outra expressão que chama nossa atenção é a “é falta de homem”. Somos direcionados para 1899, o ano de publicação do primeiro dicionário analisado neste texto. É triste pensar que, embora tenham passado tantos anos, a palavra lésbica e as relações lésbicas ainda sejam marcadas na sociedade pela falta, como se mulheres realmente necessitassem do falo para sentirem-se completas, e, desde o início, o corpo social as fazem acreditar que as relações entre elas seriam impossíveis. Consoante Adrienne Rich,

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar (RICH, 1980, p. 40)



Fonte: [Ilustração especial Visibilidade Lésbica/Bacellar](#)

Observando a próxima frase da matéria, interpretamos que a sociedade sempre espera que mulheres gerem novas vidas. Não seria diferente que essa cobrança caísse também em cima de mulheres lésbicas. No entanto, é equivocado supor que toda mulher necessariamente queira ser mãe, pois suas vidas não se resumem à maternidade. Tirando o fato do erro em fazer esta pergunta, também é lamentável o fato de a sociedade concluir que, por serem lésbicas, essas

mulheres não podem ter filhos, excluindo a possibilidade da adoção. Novamente, percebe-se que lésbicas não precisam de homens dentro de seus relacionamentos.

Encerrando nossas análises, concluímos que, muitos dos discursos sobre a palavra lésbica presentes nos dicionários ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, seguem funcionando na atualidade. Em todos os momentos em que mulheres lésbicas são questionadas com frases como estas, apresentadas por nós, o sentido da “falta” segue se fazendo presente. Questionamos: É possível que algum dia estas mulheres possam existir sem terem suas existências invadidas e questionadas? Até lá...Resistimos. E amamos.



Fonte: Sophia Andrezza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos analisar, ao longo do texto, como se deu a composição da palavra lésbica ao longo dos seis dicionários selecionados por nós, escritos nos séculos XIX, XX e XXI, e também das palavras acionadas por ela através do efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018). Perseguimos o objetivo de traçar trajetórias de leitura que possibilitem a compreensão de como as mulheres lésbicas eram vistas com o passar da história, de maneira a contribuir com futuras pesquisas e análises sobre a temática.

Vimos que, por muitos anos, as palavras contidas nos dicionários para dar nome às mulheres homossexuais foram enclausuradas junto aos conceitos de “aberração”, “desvio”,

“imperfeição”, “mal”, e tantas outras. Vimos também, que as palavras escolhidas para fazer parte destes dicionários provém do uso que fazem delas constantemente em dado período histórico.

Dos seis dicionários analisados, apenas dois possuíam a acepção da palavra lésbica, e a dissociavam de conceitos negativos, como faziam os outros. Interpretamos, com base nestes dados, que além de as definições dos dicionários serem majoritariamente perversas nos séculos XIX e XX, a palavra lésbica tampouco era utilizada para designar mulheres homossexuais. Ou seja, ao mesmo tempo em que eram maltratadas pela sociedade, eram também invisibilizadas.

A acepção de lésbica passou a existir nos dicionários analisados, a partir do século XXI, e de seu sentido foram retiradas as palavras depreciativas; mas analisando mais a fundo, descobrimos que seguia sendo associada à ideia de inversão. Juntamente à matéria selecionada para análise, concluímos, com base em nossa interpretação, que por mais que a palavra lésbica esteja sendo mais utilizada pela sociedade, muitas pessoas seguem presas ao sentido de que às lésbicas, lhe falta algo, e que esse algo é o homem.

Nós acreditamos que a palavra lésbica deve ser falada. Deve ser escrita e expressa de todas as maneiras possíveis. É preciso que as pessoas conheçam sua existência e atribuam a ela o sentido da completude, da beleza e, acima de tudo, da resistência. Quanto mais for empregada, mais as mulheres lésbicas serão reconhecidas e terão voz e, não menos importante, quanto mais for repleta de sentidos adequados às suas vivências, mais será possível compreender a normalidade como constitutiva. Às mulheres lésbicas o que lhes é de direito (na língua e para além dela): respeito!

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

DONINI, Marcela. **O que as lésbicas não aguentam mais ouvir - e por que elas se ofendem**. Gaúcha zh, Porto Alegre, 27, Agosto de 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2019/08/o-que-as-lesbicas-nao-aguentam-mais-ouvir-e-por-que-elas-se-ofendem-cjzlaub6n04hl01pa5j4zqp7s.html>

FILHO, Fernando Silva Teixeira; TOLEDO, Livia Gonsalves. **Apontamentos Sobre a Construção Sócio-Histórica de Estigmas e Estereótipos em Relação ao Homoerotismo Entre Mulheres**. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127011>. Acesso em: 15 de Novembro de 2021.

MOURA, Jonathan Ribeiro Farias de. Da Morfologia ao Discurso: O Caso do Sufixo –ismo Para Denominar Práticas Homossexuais. **Revista Ribanceira**. Belém, PA, v. 15. p. 101-105, 2018

NUNES, José Horta. Dicionários: História, Leitura e Produção. **Revista de Letras**. Taguatinga, DF, v.3, n. 1/2, p. 7, 2010.

NUNES, José Horta. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. **Letras**. Santa Maria, RS, v.18, n.37, p. 116, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Lexicografia discursiva. **ALFA: Revista de Linguística**. São Paulo, v. 44, p. 111, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4201>. Acesso em: 25 de Agosto de 2021.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania**. Les Online, [Lisboa], v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

PETRI, Verli. “História de Palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**. Porto Alegre, v.13, n.19, 2018.

PETRI, Verli. “História de Palavras” Para além do dicionário do google: reflexões sobre professora e professor. In: BARBAI, Marcos; COSTA, Greciely; DIAS, Cristiane. **Escrituras da Cidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PISANO, MARGARITA. **Incidências Lésbicas ou o Amor ao Próprio Reflexo**. Disponível em: <https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/incidencias-lesbicas-ou-o-amor-ao-pr%C3%B3prio-reflexo-leitura.pdf>. Acesso em: 14 de Novembro de 2021.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica**. Disponível em: https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v04n05art01_rich.pdf. Acesso em: 05 de Janeiro de 2022.

Ilustrações:

ANDREAZZA, Sophia. **Por que só a relação heterossexual parece possível?** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-xTkEEHc45/>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2022.

ANDREAZZA, Sophia. **É preciso ser muito corajosa para amar**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSnGhaDHQKo/>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2022.

Ilustração especial visibilidade lésbica. [Jornalistaslivres.org](https://jornalistaslivres.org), 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/visibilidade-lesbica-veja-em-3-relatos-a-importancia-de-se-fazer-visivel/>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2022.

7 DICIONÁRIOS CONSULTADOS

FIGUEIREDO, Cândido de. **Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa**, v II. Lisboa, Portugal: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4^a.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

GARCIA, Hamílcar de. **Caldas Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**, v III. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A, 1964.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2010.

TERSARIOL, Alpheu. **Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado**. 7^a. ed. São Paulo: Libra Empresa Editorial LTDA, 1972.
Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Formar. 23^a. ed. São Paulo: Formar, 1973.

8 ANEXOS

ANEXO I - NOVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (FIGUEIREDO, 1899)

• **Lesbiaco**, *adj.* relativo á ilha de Lesbos; e, em poética, dizia-se do metro ou medida dos versos sáphicos; lírico. (De *Lesbos* n. p., pátria de Alceu e Sapho).
 • **Lesbianismo**, *m.* um dos vícios sensuaes contra a naturêza; aberração do instinto sexual. (De *lesbiano*).
 • **Lésbiano**, *adj.* o mesmo que *lesbiaco*; (fig.) dissoluto.
 • **Lésbio**, *adj.* o mesmo que *lesbiaco*; *m.* habitante de Lesbos.

ANEXO II - CALDAS AULETE DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (GARCIA, 1964)

LESBIA, s. f. mulher lésbica. || F. *Lésbio*.
LESBIACO, adj. (poét.) dizia-se do metro dos versos sáficos; lírico. || O mesmo que *lésbio*. || F. lat. *Lesbiacus*.
LESBIANISMO, s. m. (patol.) aberração do instinto sexual que consiste no homossexualismo entre mulheres; amor lésbio; safismo; tribadismo. || F. *Lesbiano*.

LESBIANA, s. f. o mesmo que *lésbia*. || F. *Lesbiano*.
LESBIANO, adj. o mesmo que *lésbio*. || (Fig.) Dissoluto. || De Lesbos. || —, s. m. natural ou habitante dessa ilha grega. || F. *Lesbos*, n. pr.
LÉSBICO, adj. o mesmo que *lésbio*.
LÉSBIO, adj. diz-se do amor de mulher para mulher; sáfico. || Diz-se da mulher homossexual. [Toma-se substantivamente.] || O mesmo que *lesbiano* (de Lesbos). || F. lat. *Lesbius*.

ANEXO III - NOVÍSSIMO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA ILUSTRADO (TERSARIOL, 1972)

Lesbianismo, s.m. Aberração do instinto sexual; um dos vícios sensuais contra a natureza.

ANEXO IV - NOVO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO FORMAR (1973)

LESBIACO, adj. — Diz-se da medida dos versos sáficos. Lírico. Relativo à ilha de Lesbos. Diz-se do amor de uma mulher dedicado a outra.
LESBIANA, s.f. (Med.) — Mulher que pratica o lesbianismo.
LESBIANISMO, s.m. — Aberração de instinto sexual que consiste no amor de uma mulher a outra. Safismo.
LESBIANO, adj. (Fig.) — Dissoluto, devasso. (Med.) O amor de uma mulher por outra. S.m. Natural ou habitante de Lesbos. Var.: *Lesbiaco*, *lésbico* e *lésbio*.
LÉSBICO, adj. e s.m. — De Lesbos na Grécia; referente ao lesbianismo. O mesmo que *lesbiaco*.

ANEXO V - NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (FERREIRA, 2009)

lésbia. [Fem. de *lésbio* (1).] *S. f.* Lésbica.
lésbiaco. [Do lat. *lesbiacu.*] *Adj.* 1. Lésbico (2 e 3). 2. V. *lésbio* (1). • *S. m.* 3. Lésbio (3).
lésbiana. [F. subst. de *lesbiano.*] *S. f.* Lésbica.
lesbianismo. [De *lesbiano* + *-ismo.*] *S. m.* Homossexualismo feminino; safismo. [Cf. *tribadismo.*]
lesbiano. [Do top. *Lesbos*, ilha grega, + *-iano.*] *Adj.* 1. Lésbico (2 e 3). 2. V. *lésbio* (1).
lésbica. [F. subst. de *lésbico.*] *S. f.* Mulher homossexual.
lésbico. [De *lésbio* + *-ico*².] *Adj.* 1. V. *lésbio* (1). 2. Diz-se do amor de uma mulher a outra; lesbiaco, lesbiano, lésbio. 3. Diz-se da mulher homossexual.
lésbio. [Do gr. *lésbios*, pelo lat. *lesbiu.*] *Adj.* 1. De, ou pertencente ou relativo a Lesbos, ilha grega; lesbiaco, lesbiano, lésbico. 2. Lésbico (2 e 3). • *S. m.* 3. O natural ou habitante de Lesbos; lesbiaco. 4. *Gloss.* O dialeto grego falado na ilha de Lesbos.

ANEXO VI - GRANDE DICIONÁRIO UNIFICADO DA LÍNGUA PORTUGUESA (RIOS, 2010)

Lés.bia *s. f.* Lésbica.
Les.bi.a.na *s. f.* Lésbica.
Les.bi.a.nis.mo *s. m.* Homossexualismo entre mulheres; safismo.
Les.bi.a.no *adj.* Lésbico.
Lés.bi.ca *s. f.* Mulher homossexual, popularmente chamada *sapatão*.
Lés.bi.co *adj.* 1. Diz-se do amor homossexual entre mulheres. 2. De, ou pertencente a Lesbos, ilha grega.
Lés.bio *adj.* Var. de *lésbico*.